

## AS DIVERSAS EXPRESSÕES DA VIDA VULGAR DAS MULHERES BRASILEIRAS AO LONGO DO “DESCOBRIMENTO” AO TEMPO VIGENTE

Maria Gabriele de Almeida Duarte<sup>1</sup>  
Jessé Gonçalves Cutrim

### RESUMO

O presente trabalho vem apresentar características do Brasil colonial, fazendo um apanhado histórico desde fases desse momento na história brasileira até a contemporaneidade, numa abordagem a respeito da visão das mulheres. No período colonial de acordo com a visão dos europeus seja do canibalismo. Esses elementos dão uma ideia do estudo da mulher indígena no Brasil Colonial, levando ao seu cotidiano e ao protagonismo no âmbito social. Do ponto de vista do europeu, o canibalismo e barbarismo eram tidas como práticas diabólicas, essas que na insistência colocavam os povos indígenas na presença do Diabo e os levaria ao inferno se estes persistissem em tais práticas. O texto também aborda questões relacionadas ao adultério e sexualidade. Os relatos colocavam a mulher numa situação de hipóteses: quando solteira se casaria ou seria uma prostituta, valendo ressaltar que as teorias cristãs contribuíram para esta visão. A relação da mulher e do amor é muitas das vezes oriunda do romantismo e passa pela validação masculina e pela necessidade de ser notada. Assim, é uma visão contemporânea com traços medievais.

**Palavras-chave:** Barbarismo, Canibalismo, Adultério, Sexualidade e Amor.

### ABSTRACT

This work presents characteristics of colonial Brazil, providing a historical overview from phases of that moment in Brazilian history to contemporary times, in an approach regarding women's vision. In the colonial period, according to the European view, it was cannibalism. These elements give an idea of the study of indigenous women in Colonial Brazil, leading to their daily lives and protagonism in the social sphere. From a European point of view, cannibalism and barbarism were seen as diabolical practices, which, upon insistence, placed indigenous people in the presence of the Devil and would lead them to hell if they persisted in such practices. The text also addresses issues related to adultery and sexuality. The reports placed women in a hypothetical situation: when single, they would get married or become a prostitute, and it is worth noting that Christian theories contributed to this vision. The relationship between women and love often originates from romanticism and involves male validation and the need to be noticed. Thus, it is a contemporary vision with medieval features.

**Keywords:** Barbarism, Cannibalism, Adultery, Sexuality and Love.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de História da Universidade Estadual da da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL, maria.duarte@uemasul.edu.br.

## **INTRODUÇÃO**

O artigo vem tratar de objetivos e elementos da mulher relacionados aos períodos desde o período colonial até a contemporaneidade. Uma das análises do trabalho começa pela investigação e estudo da mulher no período colonial e os motivos que as levavam às práticas do canibalismo, da caçada por seus inimigos e da caçada pelas crianças, até a realização do banquete dos corpos dos mortos. Se, para as mulheres indígenas, a prática de devorar homens era vista como natural, para os viajantes, era uma prática que os afastava do criador e os aproximava do Diabo. Assim, precisariam se afastar se estivessem indo para o caminho do inferno.

Na fase da sexualidade e do adultério, o trabalho apresentará traços e características femininas de como era vista a mulher adúltera, a mulher do lar e a mulher solteira. Existia, assim, uma visão em que a mulher solteira deveria casar, possuir uma família e ser mãe, ocasionando, assim, uma visão do que seria a mulher do lar. Mulheres solteiras por muito tempo já eram mal vistas no meio social, muitas até vistas como prostitutas.

O texto aborda questões relacionadas ao adultério e sexualidade. Os relatos colocavam a mulher em uma situação de hipóteses: quando solteira, se casaria ou seria uma prostituta. Dessa forma, observa-se uma característica e ditames sociais e uma pressão da própria sociedade para a mulher solteira e até mesmo adúltera. Enquanto em algumas sociedades politeístas o adultério era visto como normal, em outras sociedades monoteístas ele era visto como profano.

Na questão da fase da mulher contemporânea, conta como as mulheres passam pelo processo de validação do amor do homem. As mulheres se sacrificam por amor, e essa busca pela validação do amor masculino colocava a mulher em segundo plano. "O amor romântico seria um amor corrompido pelas relações de poder e pela necessidade de ser notada socialmente, ocasionando o que seria a dependência psicológica das mulheres".

## **DESENVOLVIMENTO**

**Visões da Mulher indígena no Período Colonial: Canibalismo, Caçada, prazer pelo sangue e pela porte**

O texto "Eva Tupinambá" do autor Ronald Raminelli traz aspectos a respeito das mulheres indígenas no período Colonial. São elementos que levam a análises, estudos e uma possível compreensão. É bem relevante que esses elementos dão uma ideia do estudo da mulher indígena no Brasil Colonial. Esses aspectos são a respeito de questões sexuais, do cotidiano da mulher e de seu protagonismo no âmbito social.

O texto começa com a problematização dos documentos e relatos dos séculos XVI e XVII. O encontro entre europeus e indígenas. O encontro entre o velho mundo e o "novo" mundo. Para eles, os costumes eram indícios do barbarismo, em especial as práticas das mulheres em relação ao canibalismo. Os relatos acabavam dando indícios de que o canibalismo gerava o prazer entre as mulheres, a satisfação e o gosto da vitória ao praticar essa ação.

A prática do canibalismo entre as mulheres acabava sendo normal entre elas, podendo haver a interpretação de que para as indígenas levava ao prazer, à religiosidade e à ideia de que estavam absorvendo características do morto. Do ponto de vista do europeu, era uma prática diabólica; o barbarismo e o canibalismo colocavam esses povos na presença do Diabo, e se persistissem seriam conduzidos ao inferno.

Muitos descreviam que as mulheres indígenas despertavam o interesse nos missionários e nos viajantes dos séculos XVI e XVII. As mulheres eram descritas pelos viajantes como feras brutas, pareciam nunca acabar o seu desejo por carne, acreditavam que isso alimentava o seu desejo sexual. Para eles, era um olhar diabólico a forma como as mulheres olhavam para os homens no desejo pela carne. O que leva à interpretação tanto do ponto de vista indígena quanto europeu. Alguns relatos acabaram por fomentar a visão dos europeus a respeito das mulheres como feras brutas e sem sentimentos. Um relato de 1571, uma criança indígena não parava de chorar, a mãe jogou o seu filho no Rio São Francisco.

Um relato a respeito das mulheres pelos viajantes é que gerava um sentimento débil, as mulheres que estavam grávidas pelos inimigos matavam e comiam as crianças. Outro relato que pode ser observado do ponto de vista religioso era a crença de que se o marido estivesse doente, a mulher comeria uma criança. Essa prática descrita por missionários e viajantes culminou na caçada às crianças pelas indígenas, caso o marido estivesse doente, as mulheres saíam com arco e

flecha para pegar as crianças. Funcionava como um remédio para a cura do marido doente.

Outros relatos da sexualidade que o autor coloca no texto é que a poligamia para a mulher não era bem vista entre os homens, o adultério era motivo de causar horror para o homem, e o mesmo poderia expulsar a mulher de sua casa ou matá-la, caso a mulher gerasse um filho de uma outra relação. O marido traído poderia enterrar a criança viva, e a mulher era trucidada e abandonada para outros homens

Uma visão a respeito do canibalismo feminino e da sexualidade acabam deixando espantados os missionários. José de Anchieta acreditava que as práticas do canibalismo deixavam as mulheres saciadas. O relato da Velha com o prisioneiro é um desses relatos, o olhar da velha descrevia a sede pelo sangue e o desejo de comer carne e vísceras. Ela não parava de olhar para o prisioneiro, tanto é que a Velha não saía de perto dele.

Houve também o relato de 1509 sobre as Amazonas, três mulheres que atraíram um marinheiro até um local, era uma emboscada, mataram o marinheiro e se deliciaram com a sua carne. Os rituais antropofágicos levavam a uma visão das mulheres de gritos de júbilo e vontade de expor as partes dos inimigos mortos, levando ao prazer e à vontade de comer carne e vísceras dos inimigos.

As viagens do século XVI inauguram uma era de descobertas dos interiores, e a interiorização torna-se uma meta para manter a conquista. Se, inicialmente, os europeus dedicaram-se ao conhecimento. Nessa perspectiva, notou-se que a visão do que era o canibalismo, os costumes e o modo de vida do povo indígena foram elementos para os europeus colocarem como empecilho e iniciarem os processos de colonização e evangelização. Enquanto a Europa tinha uma visão de mundo, os povos indígenas possuíam a sua própria visão de mundo, caracterizando assim a visão do que seria bárbaro.

Os naturalistas tiveram participação intensa nesse processo, concebendo textos descritivos especializados para caracterizar o modo de vida indígena. A prática do canibalismo era vista como uma prática infernal, o derramamento de sangue, partes do corpo dilacerados e as vísceras expostas era um banquete para os indígenas e uma prática diabólica para os europeus. Alguns até caracterizam que essa prática levaria esses povos e conduziria eles ao inferno. Os relatos de viagem tornaram-se aprimorados e dedicados aos diferentes ramos do conhecimento. Os sistemas classificatórios do século XVI.

## INFIDELIDADE FEMININA NO BRASIL COLÔNIA

A caracterização do adultério no mundo ocidental da nossa era começa na Roma Antiga quando a religião e a cultura cristã começaram a sufocar a cultura pagã. A data correspondente a isso é o ano 1 d.C., quando começaram a surgir conceitos de matrimônio nas leis, tendo como base agora a moral cristã. Com a criação de leis que regulam a vida privada das pessoas, um dos assuntos que passaram a ser discutidos é a condição da mulher como alguém que vai casar ou ser considerada uma prostituta.

Essas leis irão ditar agora as novas normas sociais que serão aceitas. Todas as relações que não estiverem de acordo com o que é exigido passaram a entrar na ilegalidade. O Estado romano não pode existir sem a maior base social já conhecida: a família. Estão é fundamental a criação de maneiras de "controlar" essa Ordem essencial. A família atua como Micro-Estados independentes do Estado romano, então com a mudança cultural, religiosa, política, social e espacial, ela precisa ter uma vigilância maior. Como diz Karl Marx em sua grande obra "Crítica da filosofia do direito de Hegel":

“A família e a sociedade civil são o pressuposto do Estado; elas são os elementos propriamente ativos [...] portanto: a divisão do Estado em família e sociedade civil é ideal [...] a família e a sociedade civil são parte reais do Estado, existência espirituais reais da vontade; elas são modo de existência do Estado; a família e a sociedade civil se fazem, a si mesma, Estado. Elas são a força motriz” (MARX, 2005, p. 30).

Uma das legislações criadas foi a reforma moral de Augusto, que continha a Lei Júlia sobre o adultério (Lex Iulia de adulteriis). Foram então fixadas categorias sexuais como Matronas X prostitutas. Essa lei tinha como objetivo acabar com a imaginação de adultério ao convertê-la em prostituição. Mas o que fazer com as matronas adúlteras que existiam? A nova lei colocava o marido ou pai da adúltera como principal acusado, com o prazo de 60 dias para isso, e o julgamento aconteceria em público. O marido que permanecesse com a esposa adúltera também era passível de pena. Somente o pai tinha o direito de matar a filha, mas somente se fosse pega em flagrante em sua casa ou do marido, e deveria matar imediatamente. A mulher acusada e condenada por adultério era perante aquela sociedade categorizada como prostituta.

A sexualidade feminina no Brasil colônia era censurada pelo constante medo que os homens tinham das mulheres. Existia um aparato no âmbito social e jurídico que vigiava a sexualidade e os comportamentos do gênero feminino. No meio social, havia outras mulheres que vigiavam e puniam as mais novas que ultrapassassem os limites impostos e no jurídico, leis que castigavam as infratoras.

A mulher tinha um papel bem definido, que era bem próximo da figura religiosa de Maria. Maria, mãe de Jesus, era um exemplo a ser seguido. Uma imagem de mulher devota a Deus, filhos e o marido e que deveria ser uma inspiração para as outras mulheres. Essa imagem, além de um espelho, era uma forma das mulheres fugirem do pecado e do mal provocado pela desobediência de Eva, a primeira mulher.

Mas por trás de todas essas regras e doutrinas existiam mulheres que ousavam fazer diferente. O adultério masculino era normalizado e era muito comum os homens se envolverem com mulheres casadas ou terem outros tipos de relações paralelas ao casamento. Facilmente os homens poderiam viajar para outros lugares e deixar suas mulheres em *Recolhimento*<sup>2</sup> para impedir que outros homens as seduzam e a sua honra seja questionada por todos.

Mas isso não impedia que elas tivessem encontros com outros homens e mantivessem relacionamentos duradouros ou casuais. Como o homem tinha o direito de matar suas esposas em caso de infidelidade, era comum que elas se envolvessem com os viajantes franceses ou de outras nacionalidades. Em uma sociedade patriarcal, a defesa da honra era essencial e esse comportamento infiel feminino prejudicava a ordem social, como afirma Lopes de Oliveira, um trabalhador da Vara de Família no Brasil:

“Quando um homem viola a lealdade conjugal, ele o faz por causa de um desejo fútil. Isto não destrói o amor da mulher, ou o fundamento da sociedade conjugal. O adultério da mulher, ao contrário, afeta a ordem interna da família, comprometendo a estabilidade da vida conjugal. O adultério da mulher é mais sério, não somente pelo escândalo que causa, mas também porque fere um maior número de valores e a lei mais profundamente. Há perigo de a mulher introduzir crianças estranhas dentro do lar” (Americas Watch, 1991, p. 22).

---

<sup>2</sup> Recolhimento era um local de aprendizados para as meninas sobre a religião com o objetivo de protegê-las dos defeitos causados por ser mulheres

A legislação vigente no Brasil colônia era das Ordenações Filipinas, que tinha como lei o direito masculino de matar sua esposa por achá-la em adultério. Isso só mudava se o adúltero tivesse uma posição ou prestígio social superior ao do marido. Para acontecer essa pena, não era necessário o flagrante do ato, mas apenas provas concretas ou testemunhas do ocorrido. Mas caso não fossem pegos no ato, a pena de morte era anulada, e o marido traído só tinha direitos sobre os bens da mulher.

Além da pena de morte, havia a possibilidade delas serem agredidas pelos seus companheiros ou, em algum caso, perderem a guarda de seus filhos como vingança pela traição. Mas normalmente acontecia apenas o divórcio ou, como forma de vingança pela falta feminina, elas eram trancafiadas no recolhimento. Mesmo com essa realidade difícil, algumas mulheres viviam essas paixões proibidas. Normalmente os amantes se conheciam nos festejos religiosos, na igreja ou em qualquer meio de intensa interação social. Se encontravam na casa dela quando o marido estava em viagem, ou em algum lugar afastado. Esses homens amantes eram viajantes, religiosos ou parentes do marido ou da mulher.

## **MULHERES NA CONTEMPORANEIDADE: O AMOR COMO VENENO**

Amar é colocar a pessoa amada como alguém superior a nós mesmos. Del Priori (*apud* Zanello, 2018, p. 61) vão dizer que o amor não muda somente no espaço, mas também no tempo, e as formas de amar igualmente. "Os sentimentos não são naturais, mas configurados culturalmente, na interpersonalidade, e em certos momentos históricos e em certas sociedades" (Zanello, 2018, p. 107). Por mais que o amor romantizado seja vendido como algo natural, que sempre existiu, na verdade é algo construído culturalmente.

A noção de amor que temos hoje vem da Idade Média, onde as ideias centrais do amor vieram do trovadorismo e foram introduzidas nas relações e permanecem até os dias de hoje. (Lipovetsky *apud* Zanello, 2018, p. 62) Essas ideias afetam as mulheres na modernidade, pois elas são criadas acreditando que seriam salvas por um homem, um príncipe em um cavalo branco, assim como nos contos medievais. Então, a normalização da mulher como frágil que precisa de cuidado por ser menos que o homem se tornou uma verdade natural. Segundo Kehl (*apud* Zanello, 2018, p. 41), a domesticidade contrapunha-se à liberdade de um

sujeito moderno, aprisionando ao casamento e à maternidade, enquanto o homem ganha a liberdade, o lugar da mulher surge com a família burguesa nuclear, casada não com o homem, mas com o lar.

Swain (*apud* Zanello, 2018, p. 84) conta como as mulheres se sacrificam por amor, até mesmo ao ponto de se colocarem em segundo lugar. "O amor romântico seria um amor corrompido pelas relações de poder, pois estimula e pressupõe uma dependência psicológica das mulheres" (Zanello, 2018, p. 2018). Com essa tamanha dependência, a mulher acaba se colocando em vulnerabilidades para relacionamentos abusivos. Enquanto as mulheres aprendem a amar os homens, os mesmos aprendem a amar tudo, menos a mulher.

Para conseguir o final feliz que a mídia vende, as mulheres se submetem ao máximo para serem vistas, para buscar a sensação de serem amadas, até mesmo buscando um padrão de beleza impossível, o de ser jovem para sempre, magra e branca. A mulher negra não é vista como mulher, sendo totalmente vista como um objeto sexual, estando cada vez mais longe desse padrão. Enquanto a mulher branca passa doçura e feminilidade, a mulher preta é vista como algo descartável, sendo hipersexualizada, tratada como segunda opção, até mesmo sua aparência é remetida ao maligno, como "a cor do pecado". Assim, sendo vista sempre como a amante, mas nunca a esposa. A solidão da mulher preta trata-se justamente de como essa mulher é isolada afetivamente e socialmente, nunca sendo escolhida e marginalizada, quanto mais melanina, mais rejeição. E o homem não sente a necessidade de investir para estar com essa mulher, muitas vezes a escondendo como um segredo, não a apresentando publicamente e a vendo apenas como um sexo fácil. Quando não são trocadas por mulheres brancas.

A validação masculina é a necessidade de ser notada e escolhida pelos homens, uma vez que somente os homens escolhem. Nesse arranjo, a mulher não tem voz para escolher, mas somente para ser escolhida. Uma vez que ela é a escolhida, deve manter o marido, a qualquer custo, fazendo vista grossa e até mesmo sofrendo violências em silêncio. A mulher é a que cuida não somente da casa, mas também é ela que faz a manutenção da relação, a que discute a relação e chama para conversar, a que se importa com o convívio do casal.

A partir dessa energia da mulher sobre a manutenção da relação está o silenciamento, tudo em nome do bem-estar da relação. Perrot (*apud* Zanello, 2018, p. 118) lembra que chega a ser um mandamento bíblico, onde as mulheres não

devem falar na igreja e permanecer em silêncio. O silêncio acaba sendo também uma forma de estratégia e de sobrevivência para zelar essa relação, ou seja, nada de diálogos, é deixar tudo como está para não aborrecer o homem. Essa técnica faz parte do jeitinho feminino, um jeito submisso onde a mulher não bate de frente com o seu senhor, mesmo que custe sua saúde mental. Assim como também se sacrificar, como fazer sexo sem vontade, para satisfazer o companheiro, o que é violência, apesar de não ser visto como tal.

Firestone (*apud* Zanello, 2018, p. 84) diz que "a atual organização física dos dois sexos prescreve que a maioria das mulheres gaste sua energia emocional com os homens, ao passo que os homens devem 'sublimar sua energia no trabalho'. A relação heterossexual normativa acaba sendo cansativa demais para mulheres, uma vez que grande parte dos homens são analfabetos emocionais ao ponto de nem mesmo saberem verbalizar seus sentimentos, tornando tudo ainda mais difícil. Coombs (*apud* Zanello, 2018, p. 97) aponta que os homens recebem benefícios do casamento na saúde mental, já que as mulheres proveem ajuda emocional, mesmo ficando exaustas e sobrecarregadas.

## **METODOLOGIA**

O seguinte trabalho foi baseado em obras que abordam a história da mulher através do tempo. Foi desenvolvida uma análise em cada período e fase da mulher na história do Brasil. Esse levantamento histórico vai até a contemporaneidade. A ideia inicial do projeto foi poder apresentar um ponto de vista de cada época, assuntos polêmicos como o adultério e até mesmo canibalismo. Com o intuito de esclarecer opressões da nossa sociedade e suas raízes estruturais. A pesquisa foi feita de forma qualitativa, usando como base autores renomados como Mary Del Priore, Francine Holderried, entre outros. No livro "História das Mulheres no Brasil" de Mary Del Priore, é encontrada uma documentação dos séculos XVI e XVII que é pouco precisa e muito contraditória ao tratar dos antigos tupinambás; no entanto, esses documentos são de grande estima quando os concebemos como representação de uma realidade, como imagens europeias sobre as diversas e múltiplas sociedades indígenas que, infelizmente, muitas etnias foram radicadas no litoral do Brasil, apesar de ainda haver povos que resistem nos dias de hoje. A ideia central foi olhar para a realidade brasileira e pensar como se perpetuaram certos

tabus do nosso cotidiano e olhar para a mulher como protagonista de sua própria realidade. Porque, conhecendo nosso passado, podemos entender melhor a contemporaneidade e suas diversas relações onde as mulheres estão inseridas. Sobre esse resgate histórico, Saviani afirma:

“Mas por que queremos conhecer a história? Por que queremos estudar o passado, isto é, as coisas realizadas pelas gerações anteriores? Considerando que é pela história que nós nos formamos como homens; que é por ela que nós nos conhecemos e ascendemos à plena consciência do que somos; que pelo estudo do que fomos no passado descobrimos ao mesmo tempo o que somos no presente e o que podemos vir a ser no futuro, o conhecimento histórico emerge como uma necessidade vital de todo ser humano” (SAVIANI, 2008, p. 3).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os objetivos do artigo e seus elementos da mulher estão relacionados aos períodos desde o período colonial até a contemporaneidade. Uma das análises do trabalho começa pela investigação e estudo da mulher no período colonial e os motivos que as levavam às práticas do canibalismo, da caçada por seus inimigos, caçada pelas crianças até a realização do banquete dos corpos dos mortos. Também vem abordar um pouco sobre a sexualidade feminina e como a mulher adúltera era vista pela sociedade, como a sociedade via esse tipo de comportamento diferente dos homens. Uma mulher solteira era vista como um peso, uma desonra para a família, chegando até mesmo a ser vista como uma prostituta.

Através do tempo, a sexualidade feminina vem sempre sendo atrelada como algo não somente ruim, mas sujo e demoníaco. A prática do canibalismo entre as mulheres Tupinambá no período da colonização acabava sendo normal entre as mesmas, podendo haver a interpretação de que para as indígenas levava ao prazer, à religiosidade e à ideia de que estavam absorvendo características do morto, nos textos os europeus veem o ritual com um olhar sexualizante, não entendendo a importância do ritual antropofágico para a cultura tupinambá.

Uma visão a respeito do canibalismo feminino e da sexualidade acabam deixando espantados os missionários. José de Anchieta acreditava que as práticas do canibalismo deixavam as mulheres saciadas, o relato da Velha com o prisioneiro é um desses relatos, o olhar da velha descrevia a sede pelo sangue e o desejo de

comer carne e vísceras. As viagens do século XVI inauguram uma era de descobertas dos interiores, e a interiorização torna-se uma meta para manter a conquista. Se, inicialmente, os europeus dedicaram-se ao conhecimento. Nessa perspectiva, notou-se que a visão do que era o canibalismo, os costumes, e o modo de vida do povo indígena foram elementos para os europeus colocarem como empecilho e iniciar os processos de colonização e evangelização.

Enquanto a Europa tinha uma visão de mundo, os povos indígenas possuíam a sua própria visão de mundo, assim caracterizando a visão do que seria bárbaro. Os naturalistas tiveram participação nesse processo, concebendo textos descritivos especializados para caracterizar o modo de vida indígena, a prática do canibalismo sendo vista como uma prática infernal, que levaria eles para o inferno.

Na Roma antiga, o adultério começou a ser uma prática perseguida conforme o Império Romano torna-se cristão. Nesse momento, a mulher só tinha dois destinos, segundo a sociedade: ser uma mulher casada ou uma prostituta. Leis foram criadas que castigavam cruelmente as mulheres. Uma adúltera era considerada uma prostituta e era morta pelo pai. O marido da adúltera também era castigado. Enquanto o adultério masculino era normalizado e muito comum entre os homens, que tinham outras relações fora do matrimônio.

Vemos como no tempo a sexualidade feminina é colocada como algo ruim, e suas consequências por atos ditos imorais são sempre mais violentas e cruéis em comparação com as dos homens, e na atualidade isso continua acontecendo. Muitas vezes, as mulheres continuam se anulando para caber em relações tóxicas em nome de uma entrega sacra de um amor culturalmente tóxico, romantizando, onde o sacrifício para mantê-lo acaba sendo sempre da mulher.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo de toda a história do Brasil, as mulheres foram moldadas a partir de uma visão de fora. Essa visão veio da Europa, em diversos contextos e espaços de tempo que influenciaram o cotidiano, o conceito de mulher, a forma de se vestir, falar e se comportar. As mulheres indígenas tinham uma convicção de seus deveres sociais e de si, mas com a chegada de portugueses com uma fé diferente (cristã), essas mulheres, até então "livres" de certo modo, passaram a ser tolhidas de sua própria cultura e vida e, a longo prazo, perder espaço e voz.

Já as mulheres brancas passaram por uma vida de privação de sua própria existência quando a fé em Cristo e Maria passou a ser uma regra que não poderia ser quebrada em nenhum aspecto. Tudo, no fim, foi resumido a pecado, culpa e a uma tão sonhada redenção que viria através de uma vida de abstinência e penitência. No saldo total, foi vendida a ideia de que toda mulher só seria realizada como ser através da figura masculina (pai, marido), que a salvaria de si ou de circunstâncias diversas. O romantismo exacerbado e ilusório foi usado como armadilha para, no fim, criar uma independência emocional que assombra praticamente todas as mulheres deste presente século.

Mas assim como tudo foi criado e as mulheres foram moldadas para entrar em tal modelo fracassado, tudo também pode ser recriado de modo a contemplar a vida feminina em todas as esferas, não sendo apenas uma Aia (criada), mas alguém como um todo completo por si.

## REFERÊNCIAS

Americas Watch. (1991). **Criminal injustice**: Violence against women in Brazil. Human Rights Watch: New York.

AZEVEDO, Sarah Fernandes Lino de. **A ética da monogamia e o espírito do feminicídio**: marxismo, patriarcado e adultério na Roma Antiga e no Brasil Atual.

02 de dezembro de 2019

BEZERRA, Tânia Cristina da Costa. **O adultério no tribunal da relação Pernambuco** – Estratégia de resistência feminina no Século XIX. PPGH – UNICAP.

DEL PRIORI, Mary. História das mulheres no Brasil. Editora. São Paulo: contexto, 2004.

HOLDERRIED, Francine. **Casamento e adultério feminino entre 1824 e 1934 no Brasil**: um comparativo entre legislação e literatura. São Leopoldo, 2019.

MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. Editora Boitempo, 2005.

RAMINELLI, Ronald. **Habitus canibal**. Em Paulo Herkenhoff, 1999 O Brasil e os holandeses. Rio de Janeiro, Sextante.

\_\_\_\_\_. **Eva Tupinambá**. In: PRIORE, Mary Del (Org). História das mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOUZA, Eros. Baldwin, John de. Da Rosa, Heitor. **A construção social dos papéis femininos**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2000, 13(3), pp.485-496.

ZANELLO, V (2018). **Saúde mental, gênero e dispositivos**: Cultura e processos de Subjetivação. Curitiba.